

VONTADE E DESEJO, PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: DISCUTINDO O “FRACASSO ESCOLAR”

Maria Cristina Maia de Oliveira Fernandes (1) Juliana Fonsêca de Almeida Gama (2)

(1) *Universidade Católica de Pernambuco*(cris_maia@uol.com.br)
(2) *Universidade Católica de Pernambuco*(julianafgama@hotmail.com)

Resumo: Com o objetivo de dar forma escrita a algumas reflexões sobre o “fracasso escolar” e suas causas na atualidade, este trabalho, ancorado na influência que tiveram Nietzsche e Schopenhauer na obra de Freud, discute o conceito de vontade e como tal conceito incide sobre o desejo que Freud inaugurou, a partir da descoberta da psicanálise. Esse percurso teórico é feito tendo como pano de fundo, mas também de destaque, a atual situação da educação, repleta de impasses, de novas configurações, contingências e implicações inerentes ao tempo no qual nos encontramos. Dessa forma, parte-se da ideia de que o processo histórico da educação foi de fundamental importância para a evolução humana, assim como são fundamentais a noção de vontade, enquanto uma ação que se dirige a um objetivo a ser alcançado, e de desejo, que também mobiliza o sujeito, mas é da ordem do inconsciente. Desde o princípio, portanto, com os gregos, fincamos profundas raízes na história da educação que ecoam até os dias atuais, quando, ainda, a transmissão de valores constituiu-se como um problema. Hoje, sobretudo, essa problemática ganhou, dentre outros, um novo nome e uma nova forma: fracasso escolar. Acontece que as urgências e insuficiências fatais, decorrentes do sistema constante de cobranças, intensificam determinadas quebras e põem em cheque as ainda incipientes reconfigurações das relações humanas, causando o caos e um não saber fazer e lidar intensos. Argumenta-se, frente a essa situação, sob o olhar da psicanálise, que é preciso acolher o que se instaura no limite entre o patológico, o pedagógico e o psicológico, nas entrelinhas do “fracasso” no processo educativo. É preciso ir da impotência ao impossível, não enquanto impraticável, mas como o que funda a lógica que constitui a natureza humana. Quer dizer, seja na clínica ou em um trabalho na escola, é preciso, a partir de uma escuta diferenciada, propiciar a mobilização desse sujeito em busca do desejo, quebrando o “gesso” dos nomes a ele atribuídos, ou ainda, de sua vontade, como aquilo que o move na busca de novas possibilidades.

Palavras-chave: Vontade; Desejo; Educação; Fracasso Escolar; Psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de dar forma escrita a algumas reflexões sobre o “fracasso escolar” e suas causas na atualidade, este trabalho, ancorado na influência que tiveram Nietzsche e Schopenhauer na obra de Freud, discute o conceito de *vontade* e como tal conceito incide sobre o *desejo* que Freud inaugurou, a partir da descoberta da psicanálise. Esse percurso teórico é feito tendo como pano de fundo a atual situação da educação, repleta de impasses, de novas configurações, contingências e implicações inerentes ao tempo no qual nos encontramos.

Em se tratando do tempo atual, é sabido que a Educação tem sido marcada por profundas modificações ocorridas nos campos econômico, científico e cultural (SERAFIM, 2009). As políticas educacionais, os educadores, os aprendentes, a comunidade e os demais seguimentos que corroboram com a educação têm se deparado com fatos inéditos, e certas “quebras” paradigmáticas com relação àquilo que move os sujeitos e guia a relação ensino-aprendizagem. Dito de outra forma, temos visto, convivido e observado novas nuances na *vontade*, nos objetivos a serem alcançados, de cunho consciente.

Falando, então, em *vontade*, se a definirmos a partir do dicionário, podemos dizer que é a faculdade que tem o ser humano de *querer*, de *escolher*, de livremente praticar ou deixar de praticar atos. Mas também se define como força interior que impulsiona o indivíduo a realizar algo, a atingir seus fins ou desejos; ânimo, determinação, firmeza. Sob o ponto de vista filosófico, temos que *vontade* é uma atividade altamente consciente; a vontade esforça-se por elaborar meios apropriados para a obtenção de um resultado perseguido, em virtude de uma escolha deliberada (DUROZOI; ROUSSEL, 1996). Assim, qualquer que seja a definição que buscarmos para o conceito, há uma ação que se dirige a um objetivo a ser alcançado, de cunho consciente.

Schopenhauer, cuja formação sofreu larga influência de Platão, de Kant e do livro sagrado da Índia, os Upanishad, descobriu, extraindo uma ideia de Spinoza, ao longo de seus estudos e elaborações teórico-filosóficas, que a realidade numenal que nos é revelada pelo nosso organismo “*é o que permite viver o que é a tendência, o desejo, a vontade, em suma, o querer-viver, que será elevado à dignidade de princípio metafísico*” (DUROZOI; ROUSSEL, 1996). Schopenhauer argumenta que a *vontade* é um poder cego que trabalha sem objetivo ou repouso. O *desejo*, que para ele, é a expressão consciente do querer-viver, é vivido como

carência e gera sofrimento. A salvação estaria diretamente ligada à libertação do querer-viver e, portanto, do que gera dor.

Seguindo na linha de pensamento proposta, pode-se dizer que, apesar de ter sido a leitura de Schopenhauer que despertou em Nietzsche, sua vocação filosófica, foi justamente a *teoria da Vontade* que provocou uma ruptura entre os dois. Ambos entenderam o mundo como vontade, essa força cega que diz respeito ao homem, mas que ele não consegue controlar. No entanto, contrapondo-se a uma teoria de Schopenhauer, que considera metafísica, Nietzsche criou o conceito “Vontade de Potência”, tentando fazer com que esse conceito pudesse ser imanente, ligado ao mundo. Ele baseou este conceito em dois pontos: um ponto de discordância e um segundo ponto, que estaria ligado à maneira como o sujeito vai lidar com essa vontade, essa força cega.

Para Schopenhauer, o sujeito deve lidar com isso através da arte e a partir de uma “vida ascética”, ou seja, quanto mais afastado do prazer, melhor. O ideal ascético estaria correlacionado à negação das paixões humanas, portanto. Se o desejo é o que causa dor, é preciso dele se afastar. Assim, o homem estaria livre do sofrimento. A essa posição de Schopenhauer, que Nietzsche vai nomear de “Pessimismo”, ele sustenta – em contraposição – que a vida deve ser afirmada nela mesma, do jeito que ela é e não se afastando, evitando prazeres ou dores. Para Nietzsche, a vida ser trágica não é um argumento contra a vida. Ao contrário, a vida se torna bela justamente por sua inconstância, pelo seu aspecto de perturbabilidade.

Mesmo que Freud tenha afirmado não ter lido Nietzsche, ou muito pouco ou quase nada, há evidências que o contradizem, pois há muitas alusões ao seu pensamento, inclusive no que diz respeito à questão da libido, conceito que podemos dizer que está correlacionado ao desejo que, para o pai da psicanálise, era da ordem do inconsciente. Eles foram contemporâneos e suas obras apresentam alguns pontos de referência que se cruzam. Na própria correspondência de Freud a Fliess, Freud comenta que se dirigiu a Nietzsche na esperança de encontrar “a linguagem do seu próprio indizível” (ASSOUN, 1991), quando diz: “Acabo de adquirir um Nietzsche, em quem espero encontrar palavras para muito do que permanece emudecido em mim, mas ainda não o abri. Preguiçoso demais, por ora” (FREUD, 1900).

Alguns filósofos como Sartre, Kant, Rousseau, Ricoeur, também se dedicaram ao tema da *Vontade*, ainda que fazendo um entrecruzamento – deliberado ou não – com outros

conceitos. Sabemos, pois, que cada objeto discursivo tem o seu espaço particular e cada autor transmite seu pensamento de maneira singular. Assim, um exemplo que podemos dar é o de Sartre, que, com seu conceito de liberdade, de alguma maneira toca no tema da vontade, quando afirma que “o ser humano está condenado a ser livre”, ou seja, não há nada que o obrigue a agir de uma maneira ou de outra. Seria a liberdade, a condição de formação para o sujeito, mesmo que isso provoque angústia (SILVA, 2013).

Após este breve resgate entre *vontade, desejo e vontade de potência*, objetiva-se refletir sobre o sistema educacional, hoje, no Brasil. Munidos dessa ferramenta filosófica – mais particularmente no que diz respeito à vontade e articulando ao desejo – visa-se o diálogo e o debate de tais concepções frente ao fenômeno frequente da atualidade, o chamado “fracasso escolar”, uma constante no cotidiano das escolas, que requer respostas dos educadores em geral, mas também dos profissionais conhecidos como *psi*.

A expressão “fracasso escolar” aparece entre aspas, porque se considera, de antemão, fundamentais questionamentos como: *o que é fracasso escolar? Fracasso para quem? O que seria esse fenômeno que hoje é nomeado a partir das repetições escolares e evasão? Sem pretendermos ser exaustivas quanto ao tema, expomos inquietações e tecemos algumas considerações quanto a demandas surgidas na clínica sustentada na psicanálise, demandas estas, que começam a se apresentar através de sintomas escolares e desembocam em questões outras, subjetivas. É um ciclo que se forma, mas que, ao refletir e debater podem ser atravessadas.*

2. ENTRE A PSICANÁLISE E A EDUCAÇÃO

O processo histórico da educação foi de fundamental importância para a evolução humana. Desde o princípio, com os gregos, fincamos “profundas raízes” na história da educação que ecoam até os dias atuais (COHEN, 2006), a exemplo das famosas e sempre presentes influências exercidas pelos pensamentos de Aristóteles, Sócrates e Platão, grandes pensadores que traçaram estratégias para a transmissão de saberes e pensamentos. É certo também, que desde esse princípio a preocupação em transmitir valores constituiu-se como um problema.

Além dessas figuras, é importante destacar que houve cortes no desenvolvimento da história da humanidade que afetaram os processos educacionais sobremaneira, com descobertas revolucionárias, como a de Copérnico, segundo quem a terra não é o centro do

universo; a de Darwin, que argumentou que o homem se originava do macaco; e, claro, a de Freud, a quem foi atribuída descoberta do inconsciente, levando-o a ser considerado, por isso, o pai da psicanálise.

Falando em Freud, sabe-se que ele, em seu último ensino, ao falar da análise e da dificuldade de levá-la a um fim, lhe atribuiu a categoria de “*profissão impossível*”, ao lado da educação e do governo, pois era provável, com estas, se “*chegar a resultados insatisfatórios*” (FREUD, 1925). Apesar dele não ter levado muito adiante esta discussão, sua escrita evoluiu para as qualificações que seriam necessárias para uma preparação profissional, que seria sempre “*breve e incompleta*”. Ao expor, portanto, que a educação seria uma profissão da ordem do impossível, ele aponta, sobretudo, os limites da ação educativa.

Na atualidade, sobretudo, tal proposição freudiana parece bastante coerente, uma vez que não basta o contexto capitalista mantenedor e propiciador da perda da autoridade, temos ainda um processo intenso de globalização, a grande influenciadora dos valores vigentes até então, o que teve e tem tido consequências diretas na humanidade, no que se refere aos costumes, ideais e comportamentos, subvertendo uma lógica que vigorava no pensamento do homem. Não poderia ser diferente nem sem efeito para a educação, meio de transmissão de saber, condição primária num processo educacional.

Entre estes comportamentos claramente modificados ao longo do tempo, destacamos o consumismo, que, como “*atalho mais curto e seguro para a felicidade*” (BAUMAN, 2013) faz vítimas, dentre as quais, na sua maioria, jovens desencantados com a vida, sem objetivos, perdidos na ilusão de que objetos de consumo irão lhes mergulhar num hedonismo generalizado que impera hoje nas massas. Dedicam-se muito mais ao prazer imediato e fugaz, ainda que isso lhes custe, muitas vezes, a própria vida que se desperdiça, na contramão do que diria Exupéry, que “*foi o tempo que perdi com a minha rosa que a fez tão importante*”. Não há tempo para investir na vida, no outro, também na educação como caminho a ser descoberto e como algo que traga retorno num futuro próximo, menos ainda num futuro distante.

Compra-se tudo – até sexo – online e rapidamente! Tem-se pressa! De consumir, de comunicar, de mostrar, de ver e sem responsabilidade! Não se cativa, então não é preciso se responsabilizar, como também exalta o citado escritor francês. Os efeitos disso são sentidos na vida como um todo, mas isolamos aqui, *a vida escolar*, quando os resultados obtidos pelos alunos não alcançam o ideal imposto pelos pais e educadores. Daí, que, constantemente nos chegamos aos consultórios, pais queixosos quanto à falta de interesse, de atenção, de vontade de

estudar de seus filhos. Beira a apatia! “*Eles só querem saber de computador*”, escuta-se repetidamente. Mas a experiência também tem evidenciado que, antes de levar ao profissional *psi*, esses mesmos pais, com uma carga de angústia considerável, já realizaram uma verdadeira peregrinação por consultórios médicos em busca de um saber que dê conta do “problema” que muitas vezes já foi (re)avaliado exaustivamente pelos próprios educadores.

Não podemos deixar de destacar nesse processo, a questão diagnóstica, tão problemática para esta clínica com a qual nos deparamos na atualidade: uma clínica recheada de jovens engessados dentro de diagnósticos, de nomes, com poucas possibilidades de mobilização que contribuam para produzir uma resposta sintomática ao seu mal estar, o que tem eco na escola. São crianças, muitas vezes, contidas por drogas eficazes em lhes calar, acalmar seus corpos que, em suas inquietações, não à toa, digam algo da sua dor de existir. No entanto, as drogas funcionam apenas como paliativo para a angústia dos pais, que, impotentes, sofrem por não saberem o que fazer. Não se pensa muito sobre os efeitos colaterais em longo prazo, disso que apenas oferece um estado artificial de “normalidade”. O imediatismo também aí se faz presente.

E a causa do chamado “fracasso”? Não é importante buscar? De quem é o fracasso? O que fracassou? Quando fracassou? São infinitas as perguntas, assim como são infinitas as buscas por repassar esse bastão ou tamponar para que a vida “siga”.

3. DIAGNÓSTICO: FRACASSO ESCOLAR!

Diante do excesso de demandas para alcançarem um ideal que a contemporaneidade impõe, os jovens ficam vulneráveis a rótulos que condizem com patologias e anormalidades, nomes que implicam sempre em segregação, nunca em inclusão: *fracasso escolar*, *Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade*, que correm ao lado de *Síndrome de Oposição*, *dislexia*, *dislalia*, até *autismo*, entre outros do senso comum, como *rebeldia*, *preguiça*, *pouca inteligência*, etc.

São nomes advindos, tanto da medicina, quanto do meio escolar e até mesmo de leigos, que se autorizam a dar “diagnósticos” selvagens, como diria Freud. Ainda assim, o que constatamos é que são nomes que são atribuídos às crianças e adolescentes, como forma de dar-lhes um lugar no mundo, ainda que seja pela via da alienação que mortifica e paralisa, em detrimento de um movimento de separação que a própria palavra “diagnóstico” sugere. Não pode ter sido, portanto, à toa que Freud (1937), em um texto sobre a análise e seus impasses

para chegar a um fim, veio a incluir outras duas profissões, além da psicanálise, na lógica do impossível: educar e governar.

O termo educação tem a ver com formar, informar, transmitir conhecimentos. Em face dessas significações e, diante do exposto, podemos propor o termo FORMAR, não no sentido de fôrma (de bolo), que sugere alienação a um modelo x ideal de comportamento e/ou desenvolvimento que o jovem teria que alcançar para se enquadrar num nível dito “normal” enquanto aluno. Ao contrário, é requerido um passo além das “boas intenções” dos educadores em educar, uma vez que há uma subjetividade em jogo, uma singularidade e, com esta, uma história ímpar e escolhas que são particulares a cada um.

Para começar a concluir, podemos pensar que, nessa linha de raciocínio, pode-se inserir o desejo, que é sempre inconsciente, quando o visualizamos pelos olhos da psicanálise. A partir desta, aprendemos que o processo educativo, tal qual a análise, se dá sob transferência, implica em ir buscar algo no campo do Outro¹. Para que isto ocorra, é fundamental que haja falta.

Freud, ao enunciar a educação como missão impossível, não se refere a algo da ordem do impraticável, mas está enfatizando que é preciso àquele que aprende – e talvez a quem ensina - “*uma convicção firme da existência do inconsciente*”. Com isso não se propõe que todos os alunos e professores se analisem, mas que eles possam levar em conta que há algo no processo ensino/aprendizagem que vai além do campo da cognição, do intelecto, da volição, há algo que escapa, uma vez que estamos falando de linguagem e do desencontro que ela implica. Assim, podemos dizer que o fracasso já está posto de antemão, enquanto um abismo entre o saber e a verdade do sujeito. Arriscaríamos acrescentar aí, um terceiro componente: o conhecimento adquirido no processo escolar.

Os valores transmitidos pela família ou por aqueles encarregados por seus cuidados estão na base da formação do sujeito². O sujeito escolar é, antes, aquele que carrega em sua mochila, uma história particular que tem relação direta com o lugar onde ele está inserido no desejo materno, como operou para ele a função paterna e quem é ele enquanto resto desta operação, como orienta Jacques Lacan. Assim, aquele que “fracassa” não deve ser visto apenas como um infortúnio ou como aquele que presentifica o “fracasso” de quem ensina ou,

¹ O Outro (diferentemente do outro, o semelhante) enquanto um lugar “onde está constituída a palavra”, conforme o seminário 3 de Lacan, e mesmo como “tesouro do significante” (Seminário 11).

² Destacando que o termo sujeito é atribuído à Lacan, que o utiliza a partir do discurso linguístico, filosófico e jurídico.

ainda, apenas como uma patologia escolar. Mas é preciso ter como preceito básico, o que Lacan (1998) afirmava que, para levar adiante um tratamento com uma criança, é necessário pensá-la enquanto aquela que responde ao que haveria de sintomático na estrutura familiar na qual está inserida (LACAN, 1969).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento de concluir a profunda e rica discussão possível entre “vontade e desejo, psicanálise e educação” frente ao contemporâneo do “fracasso escolar” resta-nos destacar, sem fins de esgotar, o lugar da psicanálise e do psicanalista como aquele que acolhe o que se instaura no limite entre o patológico, o pedagógico e o psicológico, nas entrelinhas do “fracasso” no processo educativo.

Que se possa operar possibilitando a esse sujeito-problema, sintomatizar o que tem se apresentado como “fracasso” – ou qualquer outro nome - a colocar palavras ali onde impera o impasse, o sofrimento, o sem sentido, na busca de uma nova significação, menos mortífera, que o mova numa via de construção de saber. Da impotência ao impossível, não enquanto impraticável, mas como o que funda a lógica que constitui a natureza humana, numa dialética falo/castração, segundo a psicanálise. Quer dizer, seja na clínica ou em um trabalho na escola, que o analista, a partir de uma escuta diferenciada, propicie a mobilização desse sujeito em busca do desejo, quebrando o “gesso” dos nomes a ele atribuídos, ou ainda, de sua vontade, como aquilo que o move na busca de novas possibilidades.

Afinal, Santiago e Assis (2015) afirmam que é a própria criança em situação de fracasso [escolar] que pode esclarecer sobre o que se manifesta como dificuldade de aprendizagem. Enfim, dar a palavra à criança é apostar numa singularidade que dê lugar a seus impasses, não necessariamente como “fracasso”, mas como um caminho que abra as portas do desejo, a ser construído um a um, numa aposta que a vontade – como consequência - seja retomada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, P-L. **Freud & Nietzsche: Semelhanças e Dessemelhanças**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª edição, 1991.
- BAUMAN, Z. **Sobre Educação e Juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- COHEN, R. H. P. **A lógica do fracasso escolar – psicanálise & educação**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

SILVA, A. M. V. B. **A concepção de liberdade em Sartre.** In

<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>

DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia.** Campinas, SP: Papyrus, 2ª ed, 1996.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

LACAN, J. Nota sobre a criança. In: _____ **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. **Televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SANTIAGO, A. L.; ASSIS, R. M. **O que esse menino tem?** Sobre alunos que não aprendem e a intervenção da Psicanálise na escola. Belo Horizonte: Sintoma, 2015.